

» Feminicídio: A violência que você não vê

*O patriarcado é o juiz
Que nos julga por nascer
E nosso castigo
É a violência que você não vê*

*O feminicídio
Impunidade para o meu assassino
É o desaparecimento
É o estupro*

*E a culpa não era minha, nem onde eu estava, nem o que eu vestia.
E a culpa não era minha, nem onde eu estava, nem o que eu vestia.*

O estuprador era você / O estuprador é você

*São os tiras (policiais)
Os juízes
O Estado
O presidente*

O Estado opressor é um macho estuprador / O Estado opressor é um macho estuprador

*O estuprador é você / O estuprador é você
Durma, menina inocente
Sem se preocupar com o bandido
Que para os seus sonhos, doce e sorridente
Assista seu amante bandido*

O estuprador é você / O estuprador é você

Colectivo Las Tesis, *Um estuprador no teu caminho*, 2019

O que é silenciado e ruma para os subterrâneos, do psiquismo ou da sociedade, adoce.

Decantemos o hino feminista, nascido no Chile, e cantado por mulheres do mundo inteiro de punhos cerrados como instrumento de luta.

A experiência da pandemia, ao contrário do que alguns imaginavam, acirrou os comportamentos violentos nas relações e nos ambientes nos quais eles já estavam presentes. A América Latina convive com um grave cenário de violência contra a mu-

lher, de tal maneira significativo que se tipificaram juridicamente crimes cotidianos como: assédio sexual, assédio no trabalho, estupro, violência doméstica e feminicídio.

Mas não é um problema circunscrito apenas ao nosso continente, trata-se de uma realidade global. Com o desemprego e a convivência estreita no isolamento social, viu-se a violência aumentar insidiosamente e o drama ganhar contornos de banalidade.

Os movimentos feministas têm sido os responsáveis, não somente pela pauta de reivindicações de direitos, mas também pela exigência de ações que combatam as trágicas estatísticas de violência de gênero. Elas incidem na tripla jornada de trabalho, passam pelas espantosas diferenças de salários e culminam na violência física e psicológica¹.

A psicanálise, sem dúvida, traz novos vértices para essas histórias, pois elas saem do anonimato e do silêncio e se tornam palavras, narrativas no campo do sofrimento psíquico singular, retirando das sombras o que se conseguiu calar e legitimando a dor profunda das vítimas. Construída no encontro analista-analisante, e inscrita no inconsciente de ambos, ela instala – na intimidade da relação – o movimento de dar voz aos sentimentos e às experiências recalçadas, àquelas que para sustentar o desejo do outro, apagam o desejo do sujeito.

A saída do silêncio e da angústia paralisante muitas vezes ocorre quando rompem com a solidão e com o afastamento de seus laços sociais e rumam para a dimensão de lutas compartilhadas, denunciadas. Em tempos de Covid-19, esta estratégia de sobrevivência também foi atacada e não são raras as notícias de mulheres mortas por não terem podido recorrer às suas redes de apoio. Outro dado relevante é o fato de a situação econômica determinar a negação da violência para dar o que comer aos seus filhos. As sucessivas experiências de crueldade trazem em si o trauma, a culpa, o ódio por si mesmo, as dúvidas sobre suas identificações, o terror, o infantil e um profundo, adocido e irreconciliável desamparo.

Desde a Grécia antiga, escritores e poetas trágicos narram os destinos de mulheres que tiveram suas vidas interrompidas precocemente.

Atualmente, as formas dramáticas de feminicídio estão estampadas nos jornais e nas mídias; partem da violência do homem contra a mulher, sobretudo quando a mulher demonstra *poder* a respeito de seu desejo e de seu corpo, e diz “Não!” ao homem, decidindo sobre a sua própria vida, quando os seus corpos e os seus desejos apontam para outras direções, sem mais aceitar a submissão ou o assujeitamento ao outro.

Para algumas mulheres reivindicar a subjetividade pode significar ir ao extremo, o suicídio, como diz Grada Kilomba (2019), um “ato de tornar-se sujeito” (p. 189). Aqui, Kilomba nos conta a história de Margareth Garner, que tenta se suicidar e matar os seus filhos ao ser capturada pelo senhor branco escravocrata. Na época, Garner declarou: “Eu sou um ser humano”.

O apagamento do outro como sujeito é o que permite a violência contra esse outro. A cultura patriarcal e machista, que nunca saiu de cena, está mais intensa e furiosa, motivada pela fragilidade narcísica na construção imaginária de um falo onipotente.

Contudo, movimentos de resistência têm surgido com força por toda a América Latina. Coletivos têm unido corpos e vozes femininas pelas ruas, em instituições capazes de divulgar informações importantes sobre os direitos da mulher e denunciar a violência sofrida por elas. No México, por exemplo, existe um coletivo de arte, Hilos, que tem como diretriz o repúdio à violência e principalmente trabalhos ligados ao feminicídio. *Sangre de mi sangre* (sangue do meu sangue) cujas fotos ilustram a nossa seção. Um destes trabalhos de selo coletivo é uma rede vermelha, tecida com a participação de mais de cem mulheres e exposta em manifestações e protestos, tendo-se continuamente.

Colette Soler (2016) escreve sobre *o que faz laço* em formato de pergunta e não à toa, porque como ela diz:

1. Dados do Portal Patrícia Galvão: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/sobre-as-violencias-contra-a-mulher/> acessado em 21/06/2021)

* Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

a experiência principal em nossa sociedade é o desenlace, ou a ameaça de desenlace. O desenlace é experimentado no trabalho, na estrutura familiar e nas relações ditas amorosas. [...] hoje, mais do que nunca, não se deve contar com nenhuma promessa de permanência. [...] ao amor, sabe-se, desde sempre, que não há nenhuma garantia. (p. 7)

São questões íntimas e sociais presentes em nossa cultura que encontram na sala de análise nomes, faces e testemunhos, conscientes e inconscientes, cuja repetição mortífera remonta à Antiguidade. Há um desejo de que o mal-estar esteja lá fora, distante de nós, na casa dos outros. Há uma ideia, ainda presente entre os psicanalistas, de que estes assuntos são objetos da sociologia, da antropologia e de que nós temos pouco a dizer sobre isso. **Vórtice** traz *o feminicídio* para o debate psicanalítico e conta com a valiosa contribuição de autoras e colegas, numa seção especial construída por mulheres.

Regina Esteves. Embora o tema provoque dor e inquietação, ele traz lucidez para a temática feminicídio.

Regina contrasta a delicadeza de sua escrita com a brutalidade de suas histórias; a forma como a narrativa se articula com a clínica. O caso com que inicia e encerra o seu texto de desfecho traumático nos conduz à cruel realidade atual. A autora revisita as histórias de Apolônia e Hipácia, passadas na Alexandria dos séculos III e V d. C., respectivamente, para buscar as origens da misoginia e da opressão machista e autoritária sofridas por mulheres. Histórias antigas e recentes se entrecruzam neste texto-testemunho para revelar a impossibilidade de mulheres romperem com a condição de submissão e violência perpetrada em nossa sociedade, e de se firmarem como sujeitos da própria vida.

Rocío Franco e Elizabeth Haworth. Em face da questão do feminicídio, as autoras propõem algumas ideias que se situam em uma zona de interseção de diferentes

perspectivas: sociológicas, criminalistas, jurídicas, tendo como eixo norteador a questão sobre o que a psicanálise pode dizer a respeito do feminicídio. Localizam suas abordagens levando em consideração alguns aspectos dos construtos de gênero e a problemática da masculinidade, questionando o sistema do patriarcado como um campo simbólico que faz parte da cultura.

Sandra Gonzaga e Silva. Para tratar do tema *feminicídio*, Sandra relembra a trágica morte de Ângela Diniz e seus desdobramentos que mobilizaram o Brasil nos anos 70, dando origem a um grande movimento de mulheres feministas. A autora chama a atenção para os avanços e os retrocessos de uma sociedade que há séculos mantém o corpo da mulher como um território de domínio e disputa, e que mata por machismo, ciúme e posse. Questiona a perspectiva falocêntrica dos desenvolvimentos freudianos e as suas implicações para a escuta psicanalista – interroga como os psicanalistas escutam as mulheres e os abusos de que são vítimas, afirmando o dever ético da psicanálise para além do divã, de reagir a todo tipo de violência e discriminação contra mulheres.

Dalia Guzik e Cristina Oñate. As autoras partem do fato de que, embora o feminicídio tenha ocorrido no início da história, sua crescente presença fez com que fosse necessário registrá-lo no marco legal.

Como as questões sociais e políticas atravessam e se inserem em nossa prática clínica? Esta é a pergunta com a qual nos convocam para uma reflexão crítica sobre a violência de gênero e o feminicídio. Guzik e Oñate buscam dar voz ao silêncio, às centenas de milhares de mulheres vítimas de crimes impunes. O texto contribui para uma reflexão sobre os elementos de subjetividade feminina e masculina que dificultam uma mudança radical para reduzir a incidência dessa pandemia. Trata-se do testemunho de que trabalhar próximo das questões de violência de gênero pode transformar a escuta analítica e o conhecimento de aspectos silenciados na dupla analítica.

Ludmila Frateschi. O texto de Ludmilla Frateschi convida o leitor psicanalista para uma reflexão sobre a escuta clínica digna de muita atenção. Ela nos propõe pensar sobre a singularidade da experiência de ambos os participantes da dupla analítica, a partir do relato clínico de uma analisante que se sentia ameaçada com o assassinato de Marielle Franco, por estar identificada com ela em sua condição de mulher e negra. Ludmila nos oferece um tecido de ideias surgidas de sua experiência como analista e mulher, levando em conta a função analítica do testemunho, ao mesmo tempo em que a analisante vive a singularidade de sua própria experiência no contato com a analisante. Os mundos sobrepostos, os movimentos da clínica, a escuta, o desconforto individual e o desconforto coletivo estão claramente entrelaçados.

Laura Ward da Rosa. Laura aborda o feminicídio a partir da perspectiva das paixões. Ela nos traz as loucuras passionais e outros problemas, por exemplo, aqueles relacionados à paranoia que podem fazer parte de laços de casal em que a degradação do vínculo se inicia sob a ilusão do amor e termina em assassinato. A relação que estabelece entre as ideias lacanianas sobre gozo e excesso, bem como as noções sobre o feminicídio e a relação do papel da mulher na história e na literatura nos parecem muito bem sucedidas. A partir de um caso clínico, a autora aborda também a questão transgeracional, tomando referências literárias como contribuições ao seu trabalho psicanalítico. O texto aponta para a forma alarmante com que o confinamento imposto pela pandemia aumentou a violência contra as mulheres e o número de feminicídios.

REFERÊNCIAS

- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantaço: Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó.
Soler, C. (2016). *O que faz laço?* São Paulo: Escuta.

↓
Foto de
Alvaro
Argüelles

